

# pigmalião

CONTO

de Mário Emílio Sacramento

Noite caliginosa. Blocos negros que gemem. Bimbalhadas roucas de tropejo

Na sua toca Pigmalião trababalha. Modela, aformosura, percorre com as mãos febris as linhas nuas, sensuais da escultura recém-creada.

O corisco rompe, silencioso, em ímpeto de cão amordaçado. E a luz, alegre num cantante sinistro, entrando pelo postigo, fulgindo em mil centelhas de poeira, vem dançar no marfim torneado, voluptuoso, quente das mãos apaixonadas do artista. E ela própria, a luz, bela no resplandecer da sua nudez alva, estremece perante tanta beleza e beija, num frémito, os lábios daquela mulher de marfim, mais bela, numa representação carnal, que a sua consubstanciação de luminosidade e espírito.

Pigmalião trabalha, mas não só com a agitação nervosa de quem cria. Pigmalião trabalha na sublimação fremente da carne, no retinir louco do prazer de quem vê realizado o sonho de toda uma vida de insatisfação, de toda uma vida em busca do perfeito. E eis ali, contornado dum sonho de ternura, ciciante em mil carícias, o fruto dêsse anseio de perfectibilidade.

Pigmalião amava a mulher que criara, como anteriormente amara a ânsia dolorosa que o impelira à criação. Pigmalião amava com a carne impulsiva e latente. Amava uma escultura, inerte como matéria, quente, sensual na representação febril da beleza.

E era sua... Cingiu-lhe, então, com os braços nervosos, a cintura esbelta; apertou a sua nudez fria de matéria divinizada; excitou-se com a expressão ardente do seu rosto. Ah que se aquela mulher se transmudasse de marfim em carne! se aquela nudez febricitasse ao circular cálido do sangue!

As carnes rijas entumesciam-se-lhe. Colou os seus lábios ardentes à boca fria de Galatea. E os lábios desta moveram-se; os braços, até ali inteiriços e parados, apertaram-no; Galatea moveu-se e beijou-o; Galatea uniu-se-lhe num fremir louco de carne. E, por momentos, foi feliz Pigmalião. A perfeição que criara, a que dera o calor do seu espírito, encarnara vida, juntara-se-lhe num desejo ardente igual ao seu!

Quando Pigmalião, extenuado de tudo viver num segundo, abriu os olhos, saiu daquele espasmo de ventura, e percorreu com o olhar o quarto abafadiço,—Galatea havia desaparecido. Pigmalião levantou-se, aparvalhado, devagar; e correu, correu sempre adiante, como corre o vento, num sapateio forte de loucura.

Ao tropejo sucedera a calmaria; no céu ratinhado, havia buracos luminosos.

E Pigmalião correu, correu sempre, dias a fio. Corria mecânicamente, quase esquecido do seu fito, em demência.

Os pés, massa indistinta de sangue e pó, imploravam repouso. E Pigmalião parou. Sentou-se na verdura do solo, à sombra duma árvore.

À sua volta, toda a natureza ardia num fogo de amor; a terra abrasava na dor imensa do seu parto e os animais, juntos aos pares, numa só massa, arfavam a compasso; no castanheiro em frente havia aves que se davam. A natureza ardia toda ela, num fogo de amor, como que concertada contra Pigmalião.

E Pigmalião levantou, da terra, os olhos molhados de dor, e espraçou-os ao longe. Espraçou-os ao longe, e tremeu, como treme o roble que a fásca lasca a meio.—Lá adiante, ao detrás dum valado, espojada sobre o setim esverdeado dos tufos, Galatea, rindo num riso sacudido de histeria, nua no nacarado ardente do seu corpo, toda dobrada ao arfar do prazer, as carnes escadadiças em afagos de ninfa libertina,—cedia ao desejo animal dum corpulento fauno. E roçava-se, fungando em volúpia, ao seu peito felpudo de macho. E ria, ria, para Pigmalião atônito, em estupor.

E quando este avançou, na fúria do ciúme e do desejo, o fauno, forte de membros e de rins, tomou nos braços Galatea e correu, correu tanto, que Pigmalião jamais o pôde alcançar.

Assim decorreu a vida do pobre escultor. Corria, corria sempre; e todas as vezes que os pés, amálgama de sangue e poeira, pediam repouso, lá estava, debochada, vendendo o corpo em trôco de carícia viril, a moça bela que saíra do seu cérebro,—tal qual Minerva de Júpiter,—Galatea.

Um dia, Pigmalião, já moribundo, sentou-se por debaixo da copa duma árvore. A terra, a arder, já não lhe esquentava as carnes, senis e desfeitas. Num último esforço, agarrou um seixo que junto a êle jazia e escreveu no solo quente e sensual:—*Galatea representa o ideal. Homens: não a queirais alcançar: fugir-vos-à. Desprezai-a: será vossa, dar-vos-á tudo quanto de real possui—o calor dos seus beijos e o fremir louco do seu corpo.*

E expirou. Um vento que ali usava de passar apagou tudo quanto Pigmalião escrevera.

Galatea ainda vive:—é imortal. Descuidosos, ignorantes da odisseia e dos conselhos de Pigmalião, corremos em-pós ela, os pés em amálgama de pó e sangue, sofrendo ao vê-la prostituir-se, rindo cinicamente.